

OS DIFERENTES OLHARES DOS JORNAIS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO ACERCA DAS FESTAS RELIGIOSAS NO SÉCULO XIX

Milena Rodrigues de Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as diferentes visões que os jornais tinham sobre as festas religiosas do século XIX. Na nossa pesquisa resolvemos escolher dois momentos importantes dessas festividades, as procissões e as festas de largo, sendo que a divulgação era feita através dos jornais que no século XIX se tornaram frequentes em São Luís, tivemos como referência dois periódicos, “O Jardim das Maranhenses” e “O Eclesiástico”, para um melhor embasamento teórico utilizamos alguns autores que trabalham na perspectiva da análise do discurso e da retórica.

Palavras-chave: Jornais, festas religiosas, século XIX.

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa tem como proposta estudar as diferentes visões que os jornais tinham acerca das festas religiosas que foram realizadas no século XIX em São Luís do Maranhão. No nosso entendimento as festas religiosas são divididas em três momentos principais: a missa, a procissão e a festa de largo, resolvemos limitar nosso estudo aos dois últimos momentos pela importância e significado com que se revestiam essas duas últimas etapas das festividades para o reconhecimento/construção de identidade da instituição e de seus membros.

No tocante ao recorte espaço-temporal, é importante registrar que limitamos nosso olhar à cidade de São Luís no período de 1850 a 1875 pela disponibilidade da

¹ Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: milideoliveira@yahoo.com.br

documentação, com certeza, mas, principalmente, o fizemos porque nesses meados do século XIX o “processo de romanização” atravessava um período de grande tensão entre os empenhos das autoridades eclesíásticas em subordinarem os fiéis às suas determinações e a resistência destes a se enquadrarem nos ideais da Igreja Católica.

Antes de fazer uma contextualização sobre as festas é necessário refletir sobre a natureza humana e as suas relações, Hannah Arendt esboça as seguintes questões sobre isso “ o trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano (2010, p.8), “ a obra é a atividade correspondente à não naturalidade da existência humana” (2010, p.8) e a ação é a “ única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação de coisas ou da matéria” (2010, p.8)

A natureza humana segundo Hannah Arendt não é a condição humana, ou seja “ Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência” (2010, p.10), partindo dessa perspectiva a festa se tornou uma condição humana ao longo do tempo, portanto ela começou a ser feita de uma maneira descompromissada e depois se tornou parte da existência humana.

Tendo em vista essas observações é necessário a contextualização do nosso objeto de estudo, em conformidade com Mary Del Priore, “as festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais” (2000, p.13), o que necessariamente não configura um pressuposto para a conhecida classificação das festas como “sagradas”/“religiosas” ou “profanas”. Percepção dicotomizada que vem sendo colocada em causa, uma vez que retira a complexidade das vivências dos homens e das mulheres, uma vez que enquanto:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização, eles têm simultaneamente importante função social (2000, p.10).

Como as procissões, invariavelmente, faziam parte das festas religiosas organizadas pelas irmandades, é importante observar que não são eventos de natureza puramente religiosa, uma vez que, de acordo com a historiadora Deolinda Maria Veloso Carneiro, esses:

Cortejos que reflectem uma natural tendência do homem para realizar marchas, ou desfiles de caráter ritual e comunitário, com caráter sagrado, que se encontra em todas as religiões, mas que também podem se revestir de uma motivação política, civil ou corporativa (2006, p.57).

Tendo em vista que os festejos organizados pelas irmandades constituíam espaços de sociabilidade que mobilizavam não apenas irmãos e irmãs de determinada irmandade, como também membros da sociedade mais ampla, entendemos que a recolha de informações veiculadas pelos jornais seria de grande valia para a reconstituição da época.

Ainda a respeito da utilização de jornais, nossa pesquisa se restringiu aos periódicos “O Eclesiástico” e “O Jardim das Maranhenses”, essa diversidade foi necessária porque queríamos observar diferentes olhares sobre as festas daquela época. O Eclesiástico se definia como um periódico dedicado aos interesses da religião, sendo que era escrito por figuras importantes da Igreja Católica, já o jornal “O Jardim das Maranhenses” se intitulava literário, crítico e recreativo, realmente percebemos poemas, críticas sobre os costumes e opiniões sobre os principais eventos que estavam acontecendo na cidade.

OS JORNAIS DO SÉCULO XIX E AS SUAS DIFERENTES VISÕES SOBRE AS FESTAS RELIGIOSAS

A nossa pesquisa utilizou como referência os compromissos das irmandades que eram documentos que regulavam a administração delas e os jornais que vão ser objeto da nossa pesquisa no presente artigo. Os jornais constituíam um veículo de informação entre os membros das irmandades e possíveis associados, além de representarem mecanismos de formação de “opinião pública”, ou seja, de promoção da “operação simbólica de transformar vontades individuais ou setoriais em opinião geral” (GALVES apud MOREL, 2010, p.27).

O texto de um jornal até os anos 60 do século XX era entendido somente por ele mesmo, ou seja, não era necessário uma historicidade para compreender as intenções daquele autor. Na atualidade “para melhor compreensão do texto de um autor é de fundamental importância tentar focá-lo, levando em consideração o contexto social em que foi produzido” (OLIVEIRA, 2003, p.60).

Esse novo olhar sobre o texto propiciou diferentes estilos de análise do discurso, na primeira fase segundo Fernanda Mussalim “ existem diferentes máquinas discursivas, cada uma delas idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma” (2001, p.118), na segunda fase o discurso “ será invadido por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas” (2001, p.119) e na última fase se observa que os discursos não se constituem “independentes uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (2001, p.120).

A primeira fase tem como referência primordial Michel Pêcheux e a sua teoria materialista do discurso, segundo ele o sentido da palavra não existe em si mesmo, o contrário “é determinado pelas condições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas, isto é reproduzidas” (1975, p.160), sendo assim o discurso já seria pré-produzido dependendo da formação ideológica de quem enuncia.

Segundo Pêcheux a palavra ou expressão não tem um sentido próprio porque não está vinculado a sua literalidade, portanto o sentido se constitui em cada formação discursiva estabelecendo relações entre palavras, expressões ou proposições de uma mesma formação discursiva (1975, p. 161), então na primeira fase a formação discursiva está imersa em um contexto específico e não estabelece relações.

Outro teórico que valorizou muito as ciências da linguagem foi Saussure com o seu sistema de signos, segundo ele “ os signos só fazem sentido dentro de uma relação sistêmica em que a língua – sistema – é constituída de elementos puros – signos que se combinam e que se asseguram assim sua homogeneidade” (FARIAS, 2010, p.6), esse pressuposto possibilitou uma reforma das ciências humanas que passaram a perceber os signos envolvido dentro de um contexto.

Anne Hénault em seu livro esboça a complexidade de Saussure, segundo suas considerações “Saussure prefere sempre a interrogação complexa à afirmação categórica e escolhe comunicar a massa de suas descobertas no estado em que se encontram” (2006, p.49), apesar de preferir a complexidade a obra deste autor prima por uma espécie de formalismo que tem na língua sua principal referência.

Na segunda fase a noção de discurso fechado começa a ser desconstruído a partir da influência do filósofo Michel Foucault, partindo desse pressuposto a formação discursiva,

Será sempre invadida por elementos que vêm de outro lugar, de outras formações discursivas. Neste sentido, o espaço de uma FD é atravessado pelo pré-construído, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar e que são incorporados por ela numa relação de confronto e aliança (MUSSALIM, 2001, p.119).

Uma obra de Foucault que valoriza as diferentes esferas da sociedade é “Microfísica do Poder”, este trabalha na seguinte perspectiva teórica “ Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social” (MACHADO, 1979, p.10).

Os jornais exerciam no século XIX uma esfera de poder que perpassava pelo estatuto da verdade, ou seja, quem lia aquelas notícias buscava algo que reafirmasse algo significativo para a sociedade daquela época, portanto se uma determinada festa religiosa aparecia em vários jornais diferentes o leitor entenderia que aquela era uma festa importante e merecia uma observação mais atenta.

As festas podem ser enquadradas em uma rede de poderes, para Foucault a rede de poderes é muito mais interessante do que a estrutura, sendo assim o poder está presente na sociedade sobre diferentes formas e está relacionado aos saberes, por exemplo o pai exerce poder sobre o filho, o chefe sobre o empregado, enfim todos estão imersos nessas práticas, sendo assim os jornais exercem um poder sobre o público e influencia a partir disso.

Foucault chamou essa análise citada acima de descendente portanto “o poder partiria do Estado e procuraria ver até onde ele se prolonga nos escalões mais baixos da sociedade, penetra e se reproduz e seus elementos mais atomizados” (MACHADO, 1979, p.13). A esfera descendente está relacionada as diferentes formas de exercício do poder, as procissões são um exemplo da atuação do Estado dentro das festas religiosas.

Essas manifestações passavam os valores da sociedade vigente e poderiam reforçar a obediência ao Estado ou a Igreja para a realização da procissão, notamos no trecho abaixo como essas autoridades poderiam se fazer presentes dentro da própria manifestação religiosa:

Em presença do Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano, seguiu-se a procissão, levando o mesmo Exm. Sr. Bispo Diocesano o S.S. Sacramento sob o palio, cujas varas forão carregadas, desde a porta da Cathedral, e durante todo o transito, pelo Exm. Sr. Presidente da Província, e pelos Srs. Presidentes e mais membros da Il. Camara Municipal, chefe da Estação naval, com os respectivos officiais, Comandante do 5 de fuzileiros com sua officialidade, empregados públicos e muitos outros cidadãos grados (O ECLESIASTICO, 03/06/1861).

A nossa pesquisa se identifica muito com os estudos de Foucault, porém a terceira fase da análise do discurso é a mais significativa para o nosso tema, ou seja, não existem limites definidos dentro do interdiscurso, portanto dentro de um jornal que se define como católico e tem a priori uma linguagem religiosa, podemos encontrar referências a comportamentos que não eram aceitos pela sociedade, podemos encontrar também informações sobre outras religiões, enfim o discurso é amplo e corresponde a diversas formações,

Assim, uma FD não consiste em um limite traçado de maneira definitiva; uma FD se inscreve entre diversas formações discursivas, e a fronteira entre elas se desloca em função dos embates da luta ideológica, sendo esses embates recuperáveis no interior mesmo de cada uma delas (MUSSALIM, 2001, p.125).

Segundo a análise do discurso o que importa não é o sujeito, “ mas o lugar ideológico de onde enunciam os sujeitos” (MUSSALIM, 2001, p.131), portanto cada pessoa tem uma postura ideológica e passa de forma direta ou indireta as suas opiniões dentro de um texto, sendo assim a neutralidade não seria possível dentro de uma formação discursiva.

Dos jornais que pesquisamos havia um em especial que somente seria compreendido se fosse levado em consideração o contexto em que foi produzido, começamos pelo seu nome “O Jardim das Maranhenses”, notamos que ele tinha um público específico feminino, dando continuidade no seu subtítulo observarmos os seguintes dizeres “ periódico semanário, literário, critico e recreativo (02\ 12\1861)”, ou seja, a intenção primordial do jornal era a literatura e os comentários para entreter as senhoras maranhenses.

O texto de um jornal ou de qualquer outra esfera é carregado de intenções e essas influências podem vir evidentes ou não, por isso “ é necessário ler suas notas, as suas dedicatórias, os seus prefácios etc., tentando distinguir quais são os seus

interlocutores mais efetivos (OLIVEIRA, 2003, p.63). Essas informações apesar de ajudarem no contexto da produção, nem sempre são efetivas por isso a leitura de outras obras do autor pesquisado também é de suma importância.

Outro jornal que também tinha um público específico era “ O Eclesiástico”, este se definia como um periódico dedicado aos interesses da religião, era redigido por autoridades da Igreja Católica e comentava sobre visitas episcopais, festas religiosas , transcrevia bulas papais enfim os assuntos eram variados. No século XIX existia outro jornal parecido com este, o nome dele era “ O Cristianismo” e tinha os seguintes temas “ História do cristianismo, O papa, O homem, Deus, A razão, A Igreja, A Caridade, Ateísmo, A esmola, A Sagrada Escritura, Socialismo, Todos os santos etc” (JORGE, 2008, p.221).

Os textos religiosos exercem um lugar de memória e expressam o poder da instituição, no jornal “ O Eclesiástico” notamos uma preocupação com a perpetuação da memória cristã e com o exercício de poder que é feito através desses escritos, notamos um exemplo bem específico dessa questão no seguinte trecho abaixo,

E que as mulheres , que forem irmãs desta confraria, a quem não é decente vagando pela cidade para acompanhar o Santíssimo Sacramento, determinarão procurar, que por lhes fosse concedido, que todas as vezes que ouvissem tocar o sinos para ir o Senhor fora, rezando de joelhos cinco Padre nossos e cinco Ave-Marias, alcançassem as mesmas graças e indulgencias, que os irmãos são concedidos: o que tudo consta de seus documentos (O ECLESIASTICO, 18/09/1861).

Esta bula foi divulgada no ano de 1559 pelo papa Paulo III e foi lembrada em 1861 nas páginas do periódico citado, notamos a preocupação em controlar essa esfera de poder que envolvia as mulheres, sendo que até mesmo o acompanhamento do Santíssimo Sacramento poderia se tornar algo perigoso se não fosse envolto em uma severa observação por parte das autoridades da Igreja Católica.

O discurso religioso também funda uma identidade coletiva que deve ser constantemente repetida com o objetivo de ser lembrada, o jornal “ O Eclesiástico” tinha o costume de divulgar as visitas episcopais através das suas páginas, isso era necessário porque era uma forma direta e indireta de mostrar para os católicos a atuação efetiva da Igreja nos mais variados locais da província.

Essa atuação direta do clero dentro das províncias esteve em evidência em algumas páginas do jornal “ O Eclesiástico”, tivemos oportunidade de pesquisar em um número em que o próprio clero denunciou o estado das igrejas maranhenses,

Sinto não poder dar-vos acerca de nossas catedrais e matrizes informações lisonjeiras. Se na corte, e em algumas capitais da província, há templos, em que se podem celebrar com esplendor as festas religiosas, na maior parte das freguesias o seo estado é incompatível com a pompa do culto catholico, faltando em muitos deles os necessários paramentos (03/09/1861).

Os bispos e padres eram respeitados pelo status que exerciam dentro da sociedade, esse status exigia uma retórica bem ordenada que se fizesse presente em todas as camadas populares, João Adolfo Hansen especifica o seguinte “como técnica, retórica relaciona-se à fala- não a qualquer, mas à inventada e ordenada segundo técnicas de escorrer ou discorrer” (2013, p.11).

A técnica retórica pode ser definida como a arte de falar bem e foi utilizada por diferentes períodos da história, sendo que “ as técnicas da instituição retórica foram sistematizadas em textos doutrinários desde a Técnica retórica de Aristóteles, por volta de 360 a.C” (HANSEN, 2013, p.19), essa forma de discurso foi muito utilizada na formação dos padres da Companhia de Jesus e com relação aos padres que atuavam no Maranhão na segunda metade do século XIX não seria diferente.

A técnica retórica remete a uma eficácia do discurso, ao convencimento das pessoas e também “ se baseia na memória” (HANSEN, 2013, p.28), na passagem anterior do jornal Eclesiástico percebemos que o bispo se refere a memória quando compara as Igrejas maranhenses com Igrejas de outras províncias.

Segundo Hansen existem dois discursos no discurso “ o do lugar comum e das referências particulares (2013, p.30), as festas religiosas englobam o lugar comum porque são um espaço de interação entre as pessoas que poderia ser aproveitado para a propagação de algum discurso, no período oitocentista os jornais faziam o papel de propagador de determinadas idéias.

A retórica estabelecendo relação com o discurso “ pode tratar de uma matéria imoral desde que o discurso seja tecnicamente ordenado” (HANSEN, 2013, p.34), na passagem acima do jornal Eclesiástico notamos que o bispo fazia esse discurso “imoral” quando falava das Igrejas em ruínas existentes no Maranhão, porém era permitido fazer isso porque o próprio bispo fez a denúncia.

A retórica segundo Hansen é dividida em três estilos, “ a retórica natural que tem a perspicácia do talento espontâneo, a furiosa que não segue regras do juízo e o exercitado que imita escolarmente as autoridades” (2013, p.38), o bispo que escreveu sobre o estado das Igrejas mencionado anteriormente tinha um talento espontâneo para a retórica portanto podemos direcioná-lo para o primeiro estilo.

Outro postulado abordado na obra mencionada diz o seguinte,

As técnicas retóricas ordenadas pelas noções de medida, decoro e verossimilhança postulam a autoria como autoridade que produz fides específicas adequadas aos gêneros (HANSEN, 2013, p.40).

As fides são específicas ao discurso e englobam variados ramos, o bispo produz fides adequadas ao gênero católico, os participantes das festas religiosas também estão inseridos no gênero católico, porém eles sofrem influência de grupos populares que conseqüentemente ajudam a organizar uma festa religiosa extremamente diversificada.

CONCLUSÃO

Embora durante muito tempo não tenha despertado grande interesse por parte dos historiadores, dentro das novas perspectivas historiográficas, as festas em geral, e as religiosas em particular, constituem hoje objeto de ampla produção do conhecimento histórico. Entretanto, no que diz respeito ao Maranhão, ainda são poucos os estudos acerca dessa temática, localizando-se uma produção mais alentada no campo da antropologia, particularmente estudos que se situam no âmbito das tradições festivas afro-brasileiras.

Feitas essas considerações, convém registrar que tendo em vista as possibilidades de leitura do social que a festa oferece, seu estudo seria bastante profícuo para a reconstituição e análise da sociedade maranhense em um período determinado. Nessa perspectiva é que se situa o nosso trabalho, na medida em que objetiva ser uma contribuição para o desenvolvimento da temática, por conseguinte, uma contribuição para o conhecimento da sociedade ludovicense de meados do século XIX, uma vez que empreendeu uma análise sobre a festas religiosas a partir de jornais de grande circulação da época.

As festas religiosas foram muito importantes para a sociedade maranhense do século XIX e eram um dos principais assuntos dos periódicos. Nestes locais a sociabilidade acontecia de forma bem evidente e os jornais foram o veículo para divulgação e descrição desses festejos, percebemos também a partir deste trabalho como os periódicos influenciavam na opinião das pessoas e notamos como esses jornais estabeleceram um perfil que nos faz traçar um panorama das principais festas existentes em São Luís do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.
- CARNEIRO, Deolinda Maria Veloso. **As procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950)**. Imaginário religioso e piedade colectiva, volume I. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006. Disponível em: www.memoriamedia.net/bd_docs/.../imaginario%20religioso.PDF. Acesso em: 05/12/2012.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FARIAS JUNIOR, José Petrucio. **Estruturalismo e semiótica**: aproximações entre Saussure e Greimas. Revista Espaço Acadêmico, n 109, junho de 2010. Acesso em 10/09/2014. Disponível em www.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9325/5701

GALVES, Marcelo Cheche. “**Ao público sincero e imparcial**”: imprensa e independência do Maranhão (1821-1826). Universidade Federal do Maranhão, Niterói, 2010. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1199.pdf> Acesso em 01/03/2013.

HANSEN, João Adolfo. **Instituição Retórica, Técnica Retórica, Discurso**. Matraga, Rio de Janeiro, v.20, n.33, jul/dez, 2013.

HENAULT, Anne. **História concisa da semiótica**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006.

JORGE, Sebastião. **A imprensa do Maranhão no século XIX (1821-1900)**. São Luís, 2008.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: Machado, Roberto (org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

MUSSALIM, Fernanda Mussalim (org.). **Introdução a linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo. Cortez, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. São Paulo. Editora da Unicamp, 1975.

O ECLESIÁTICO. **Periódico dedicado aos interesses da religião**. Maranhão: ano IX, 3 jun. 1861, 3 set e 18 set.1861.

O JARDIM DAS MARANHENSES. **Periódico semanario, literario, moral, crítico e recreativo**, Maranhão: ano I, 2 dez. 1861.

OLIVEIRA, Maria Izabel de Moraes. História intelectual e teoria política. In: LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003, p.60-71.